

PENHASCOS



LACAZ RUIZ

Rogério V. da Silva Martins

PENHASCOS

Rogério Vidal da Silva Martins

capa e ilustrações: Rogério Lacaz Ruiz

SUMÁRIO

1. AGRADECIMENTOS
2. POESIAS
3. PROSAS

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Rogério Lacaz Ruiz, pela grande força de ideias em seus desenhos.

Agradeço a meus pais, Ives e Ruth, pela grande força que me deram e pela correção de meus erros ortográficos.

Agradeço a Sérgio Baptista da Costa (Mãozinha) pelo grande apoio e sinceridade em suas opiniões.

Agradeço a Renato Vidal da Silva Martins, meu irmão, pelo apoio e paciência em escutar quase todas as poesias e pela honestidade ao criticar meus escritos.

Agradeço a Regina Vidal da Silva Martins, minha irmã, pela caridade de, mesmo não entendendo muito o que foi escrito, ter afirmado que gostou muito.

Agradeço ao italiano Carlo Cattaneo, grande companheiro e amigo, pelo poderoso auxílio e pela ajuda nas dificuldades do dia a dia.

Agradeço a José Pedro Ascensão, que considero um grande poeta, e que me transmitiu o gosto para escrever.

Agradeço a Francisco José Segura Noya que considero pelos excelentes conselhos poéticos e pela extrema sinceridade na crítica.

Agradeço a Gengis Freire de Sousa e a todo o pessoal do CEJUP, editora que publicou este meu primeiro livro.

Agradeço à excepcional pianista Regina Normanha da Silva Martins e às minhas primas, Fernanda e Beatriz, pelo carisma e compreensão.

Agradeço, ainda, a todos que, durante a preparação desta obra, me ajudaram e me criticaram, pois considero a crítica construtiva o grande alicerce que tive: pela crítica, reflito e progrido.

Agradeço a Deus, o maior dos poetas, o poeta da Vida.

Estes agradecimentos não são um acumulado de letras, que apenas ficaram marcadas neste livro. Agradeço a todos, todas estas pessoas que me auxiliaram, pessoas que possuirão para sempre minha profunda gratidão, que sai de meu peito aberto.

Rogério Vidal da Silva Martins

PARTE I: POESIAS

SONHOS DE UM SONHO

Pensando em ti nesta noite,
Pensando se pensas em mim,
Sonhando sonhos de jasmim,
Masmorra de ardor, permanecerás até o fim?

Se apenas um instante de tua vida
Pensasses em mim,
Construiria deste instante
Palácios eternos
Pensando e edificando amores,
Serenatas, coros, arpejos e louvores
Só para ti,
Senhora de minhas dores.

Tenho de pensar em ti,
Pensando se nesta noite
Poderás pensar em mim.
Triste ilusão de um tolo alecrim.

OPUS 87

Debruçada em uma pitoresca janela
Estavas, imperadora de meus confins.
Em tão baixa altura olhava para ela,
Em tão grande amargura calavas para mim.

Pensava em sonhos intransponíveis,
Sonhava contigo ao meu lado,
Acreditava em falsidades incríveis,
Tentava e não dançava o fado.

De repente, caíste daquela sacada.
Foi apenas ilusão de meu desejo.
Abri os olhos e ainda estavas debruçada
Olhaste para a Lua e suspiraste um bocejo

SIMPLES

Nada em mente,
Sem grandiosidades a oferecer,
Mas tudo permanece insólito
Por fim, tenho de escrever.

Não tenho epopeias a contar,
Nem tão belos episódios amorosos.
Escrevo por escrever,
Escrevo palavras simples.
Das tão grandiosas palavras,
Agora não preciso.
Agora estou em paz.
Agora as ignoro,
Escrever no momento
É escrever desalento.

Escrever agora não é fatigante,
Escrever agora não é uma luta,
Escrever agora é alegria,
Alegria de saber
Que não amo mais aquela prostituta.

AMADURECER

Beleza e tristeza,
Atualmente, em meu coração estão.
Beleza em te ver,
Tristeza em não saber se o amor,
Como tão belo é,
Possa ser um mero acontecer.

Talvez, tudo fique no enevoar de pensamentos,
Talvez, amadureça e frutifique.
Não sei,
Mas esta não é a importância primordial do amor.

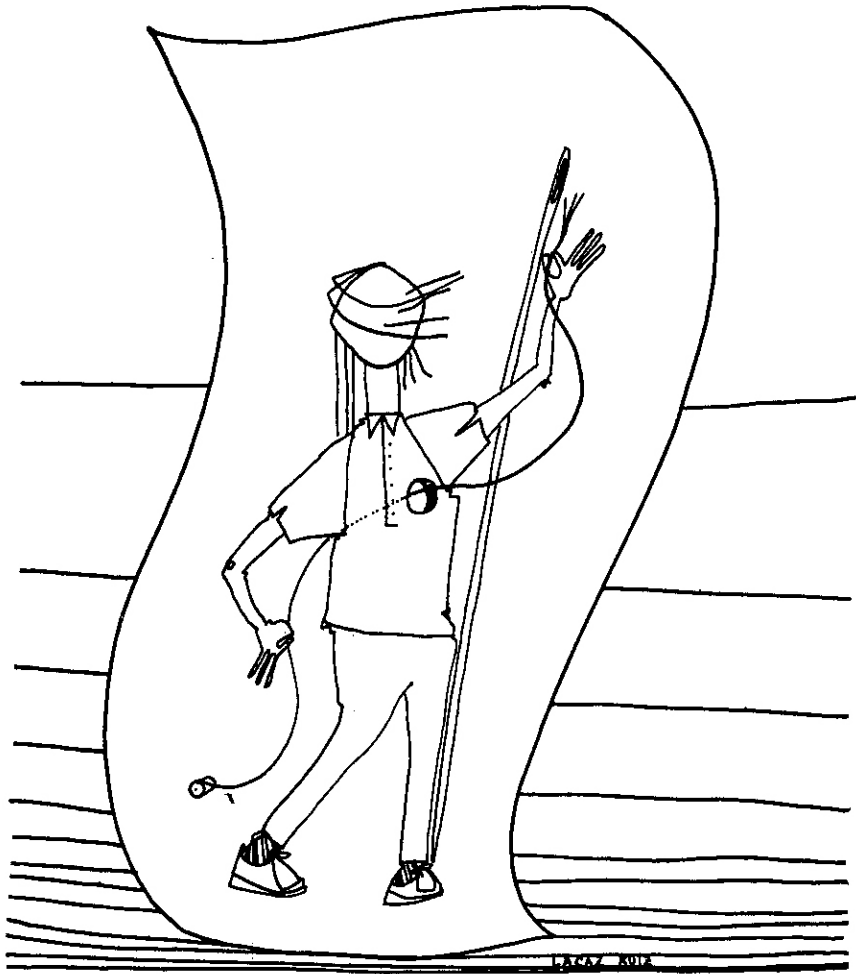
O que me ressuscita é saber
Que estou amando novamente.
Não um amor de uma estaferma vaca porca de outrora
Estou amando sim, mas amando uma senhora.

EPÍLOGO

Caminhada de amores.
Fim de senhores.
Império de pudores.

Amor com dor.
Amor que namora.
Conquista no ébrio,
Uma longe e bela senhora.

Amor um dia descobre,
Que o Amor só era uma fada,
Um sonho nobre
De um rico pobre.



LOUCURA

Maluquices, tenho de escrever voando,
Senão elas passam
E volta a tristeza.

Oxalá a loucura permanecesse até o fim!
Mas a loucura é um fogo de artifício
Que, em momentos, ilumina a explosão,
Logo depois, tudo já é escuridão.

FIM

Tenho de parar.
Pudesse eu atravessar esta aconchegante noite.
Mas não, deveres fúteis me exigem
Que saia do jardim delirante da arte
Para entrar no maremoto sangrento da perversa realidade.

A poesia é eterna.
Pena não ser eu
Minha vida é curta,
A dor me perverteu.

PEQUENO PAPEL

Pequeno papel.
Tenho de bordar em letras pequenas.
Mas assim é certo.
Nasci pequeno.
Sou pequeno.
Pequeno morrerei.
Tudo é pequeno.
A vida é pequena.
E assim é o mundo,
Acumulado de pequenos papéis.

CÍTARA DE VISÕES

Aquela águia voava cortando o céu.
Suas colossais asas batiam em sincronia,
Concreto ideal de uma torre de Babel;
Não havia fatia do horizonte que não possuía

Seu voo macio, como uma luva em minha mão,
Tinha o poder de ver o que eu não via,
Mas, de repente, chegam a chuva e a frustração.
Voar a águia não mais podia.

E a águia chorou como um réu,
Desceu e pousou em meu coração.
Choramos e desfrutamos da ceia da ilusão,
Ela por não poder ficar mais no céu,
Eu por não ter saído do chão.

MORENA

Morena bela, morena casta,
Não precisas dizer nada,
Tua perfeição já basta.

Morena, doce morena,
Te vi crescer na profundidade amena,
Hoje tu já saís do ninho,
Pobre poeta, permaneço sozinho.

Pele terna e queimada,
Amarguras são laços que não te pertencem,
Quisera a minha alma estar para ti preparada
Pobre poeta, as ilusões sempre vencem.

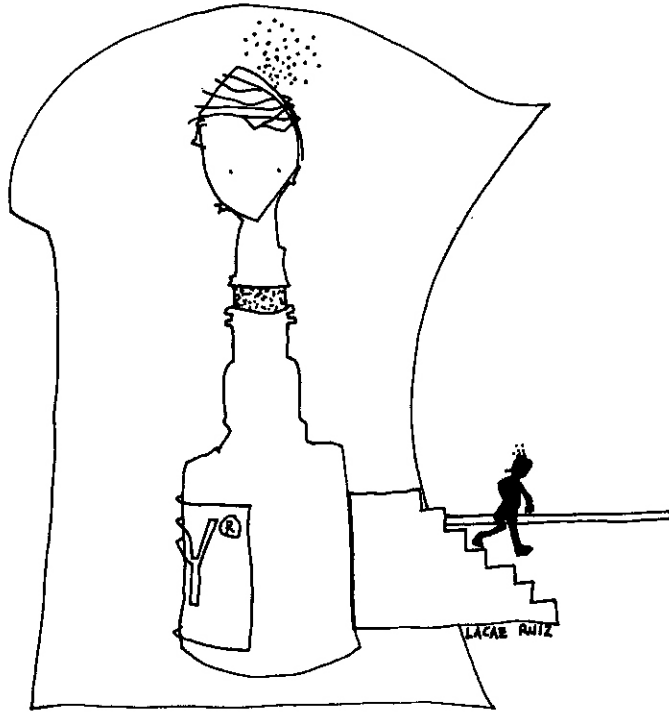
A cada sol nascente, mais bela fica
A sinceridade te edifica.
Fico bem ao longe, como um ébrio num bar,
Sonhando sonhos fúteis,
Sonhos de um dia te amar.

ANIVERSÁRIO DE UM BÊBADO

Naquela sacada suja e fria,
Um bêbado filosofa na escura noite.
É o dia de seu aniversário, dia de açoite.
Na sua festa imaginária, nem comes nem sangria.

E o bêbado pensa nos tempos de outrora,
Nas belas morenas que não possui agora.
O bêbado queria amigos,
Amigos não estão em seu caminho.
O bêbado queria felicidade,
Feliz neste mundo é quem está sozinho.

De agonia súbita, o bêbado rola pelo chão
Tentando achar alegrias em rodopios de ilusão.
Bate sua cabeça em um poste.
O sangue já aglutina na calçada.
Meu pobre bêbado morreu.
Triste fim de sua desregrada,
Ninguém o socorreu, ninguém pensa em nada.
Para todos, um ébrio a menos
E o mundo prossegue a sua caminhada.



ARTE

Tudo se resume em arte,
Tudo tem de se voltar à arte.
Arte são erros e acertos,
Alegrias e ilusões.

Mundo de trevas pentecostais,
Vida obsoleta,
Árias e canções,
Sempre árias,
Jamais canções.

Poetizar é cantar a arte,
Exaltar a dor.
Sem a arte, não estaria vivo neste fulgor.
Sem a arte, do mundo sobrariam restos e pós
Cinzas de matérias,
Que jamais terão merecidas lembranças.
Arte, tempero da vida,
Poesia, sobrevivência querida,
Por que me deixas tão só?

DOIS AMORES

A poesia deve ser pequena.
Poesia é rima, poesia serena,
Cantar de pássaros coloridos
Tristeza de perder amigos.

Dois amores hoje flutuam
Pobre alma de grandes tormentas.
Dois amores abatem a alma
Que perde os dois e se lamenta.

ANIVERSÁRIO

Como é bom presenciar aniversários de amigos.
Que ato heroico é a lembrança de uma data do passado!
Festejem eles,
No meu aniversário não quero nada,
Quero estar só,
Só para meditar.
Que a vida não foi feita para ser festejada...

ESCADA

Final da escada,
Delírio ou ilusão.
Patadas da vida.
Triste canção.

No começo desta escada permaneço.
Delírio decresce na ilusão,
Escada de amores,
Escada de dor;
Escada de horrores,
Escada louvor.

Escada da vida,
Progressão de degraus.
O último alcançando o vazio
Que terá o seu lugar.
Não me aventuro a subir esta escada.
Fico no início,
Ação menos errada.

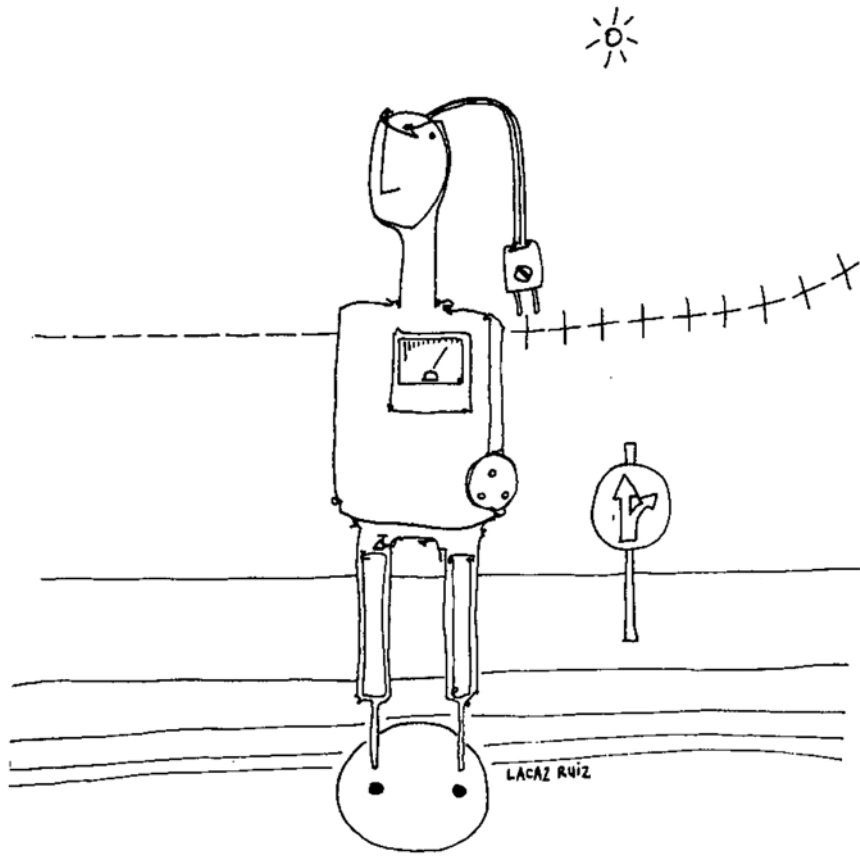
Fétida escada eterna,
Suja, feia e disforme.
Meu desgosto por ti é fatal
Excede a barreira do enorme.

CURVA

Curva na vida,
Mudança de horizonte.
Batalha de frente.

Na curva da vida,
Passado esqueci,
Passado de mim,
Passado de ti.

Prossigo entre pedras e espinhos,
Com cansaço, sem carinho.
A alma pede para parar
Tem sede, quer água.
Não há rio nem mar.
Alma, tens de continuar.
Temos de continuar, todas almas
Neste reto torto corredor sem calma,
Não há aplausos, não há palmas.



PERPETUAL DOUBT

Final de dia, e tudo corre em veia.
Sangue vai perdendo a cor,
Amarga vida de uma amarga ceia,
Temperos e luzes estáticos sem amor.

Quero libertar-me,
Pôr-me a voar em montanhas,
Fugir do céu de pedra,
Quero a gota da margarida.
Queria tu,
Mas tu não existes.

Tenho de fugir,
Buscar vidas novas.
Aqui, toda a cera já derreteu
E a chama vai correndo rápido pelo pequeno toco,
Toco de fio que ainda resta.

Cedo ou tarde,
Tudo escurece.
Antes de anoitecer

Quero fugir
Para onde não
Quero fugir,
Sair deste tempo,
Dormir ao relento,
Alcançar amor e verdade,
Que aqui não existem.

Segure minha vida, Deus meu,
Não quero partir antes de fugir deste mundo,
Antes ilusão,
Agora alabastro.
Vou-me embora para o nunca
Vou viver do “perpetual doubt”.

SINCERIDADE

Buscava, há tempos,
Uma palavra ou gesto,
Que deduzisse sinceridade.
Encontrei grito e protesto,
Talvez o amor, talvez lealdade,
Mas nada que deduzisse sinceridade.

O túnel já passou,
Agora estou no penhasco,
Tentando questões da vida,
Mas as respostas são obsoletas.
No final da caminhada, me perdi,
Não sabendo o porquê das coisas,
O porquê dos atos,
O porquê de epopeias fúteis,
Não sabendo o porquê de por que me perdi.

Talvez, embaixo das nuvens que vejo,
Esteja a resposta.
A dúvida permanece.
Me atiro ou me perco.
Na dúvida,
O mundo esmaece.

INCERTEZA PODRE

Hoje te vi ao longe.
Peno filo estavas.
Poderia estar,
Mas o amor,
Bem distante.

Cabelo meigo e pueril,
Princesinha ingrata,
Que o teu reino não tenha fim.

Severo mundo de masmorras
Por que tudo são momentos?
Alio é possível sentir atos?
São rápidos,
Ventos galopantes,
Dúvidas intrigantes,
Dura realidade fatal.

Vida obsoleta,
Não pode ser o mundo mais calmo
Um amor não apressado?
Filosofia como coroa universal?

Talvez, em outro lugar.
Aqui,
Mesmo que te ame
Não posso te falar,
A vida não me deixa,
Os ventos tentam abafar.

Um dia,
Em outro mundo te amarei,
Mundo de sonhos.
Sonhos são realidades preconcebidas,
Que num tempo do além
Não serão esquecidas.

CORRIDA NA ESCURIDÃO

Baladas eu escuto.
Duas da manhã,
Deve ser hora de dormir.

Mas dormir?
O sono não vem,
Tenho vontade de escrever,

Escrever sobre você.
Nem sei o que escrever,
Nem a conheço.
Mas urge que eu escreva,
Pois o amor talvez acabe,
Mesmo que não me ame,
Permaneço aqui,
Aqui escrevendo,
Escrevendo sobre você.
A noite corre
E eu permaneço sem sono.

DISTORCIDO

Tempos d'outrora,
Paixão irmã da juventude,
Meiguice como símbolo,
Sexo como amargura.
Tempos pueris,
Tempos de esplendor,
Viver é amar a vida,
Amar sempre ausente de dor.

Hoje existe outro mundo.
Dor é solidão.
Terror é aurora,
Alma sem compaixão.

Vida desta raça,
Não distorces esta sina,
Somos meigos em criança,
Calhordas em velhice repentina.

Fugir não podemos,
Espelhado labirinto da vida.
Saída não existe,
Permanecerei no estado atual,
Estado de despedida,
Pungente vida perdida.

DEFINIÇÃO DE AMOR

Amor ido é um beijo,
Amor não é carinho,
Não são bodas de vinho e queijo,
Amor é sacrifício,
É sair do ninho.

Não são cínicas risadas e comentários,
Não são interesses e alguns denários,
Amor é busca eterna,
Caminhada doce sem tempo à loucura e baderna.
Amor é sério,
Sempre entrelaçado de mistério.

Amor é dor,
Sacrifícios de louvor,
Exuberante esplendor.

Amor é tudo,
Tudo que chegue ao monte do profundo,
E nele consiga sair deste pálido mundo.

RANCOR

Neste céu de areia flutuante,
Fico sentado esperando um pássaro de asas grandes.
O pássaro não vem, agonia é o bastante
Lindo pássaro de gigantescas asas.

No horizonte, vejo o pássaro voar,
Vem em minha direção,
Mas veio tarde,
O Sol já vai cair,
Logo entra o escuro luar.

Na semi luz da semi Lua,
Vem o pássaro branco,
Vem caindo, aos solavancos,
Está machucado,
Está sangrando.
E as gotas vermelhas vão derramando do céu
Caindo na terra, na vida, no bordel.
E o sangue vai derretendo o mundo
E a terra jaz em um rápido segundo.

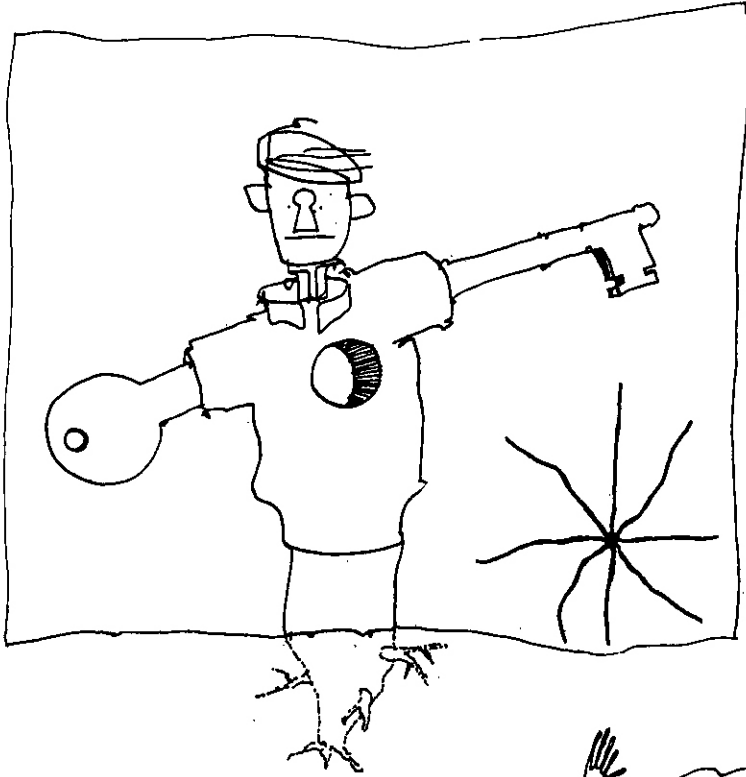
Quem te feriu pássaro amor?
Qual a arma que te trouxe a dor?
Não respondes,
Vais voando.
Teu voo vai perdendo a beleza,
As batidas sincronizadas perdem destreza.
Tu vais caindo,
Tu caíste.
O amor resumido em pedaços,
Pedaços de um pobre Orpheu
Porque caíste Pássaro meu?

PARADA NO BOREAL

Sempre andando todos devem estar.
Alegres ou chorando, o fim de todos é igual.
Mas no meio do dia,
Chuvas e ventos
Beijos e lamentos conseguem,
Sim, conseguem entrelaçar.
Poesia da vida, não sabes onde estás,
Poesia da vida, cantas bem ao longe o amor,
Poesia da vida, pobre de ti, algemada neste mundo.

Talvez, um dia um mago apareça
E te liberte com chaves de ouro,
Chaves de ouro mudam estações.

Preso na cela macabra,
Permaneço cantando,
Canto dor e amor.
Dor pode ser encarnada em um ser apenas,
Amor não, necessita o recíproco,
Mas me lembro que estou trancado.
Amor só o triste saudosismo...
Saudosismo de me lembrar de seus atos perfeitos,
Atos perfeitos que fazem voltar
A esperança de outro dia te encontrar



PROFANA

Tu és profana e cínica.
Tu és escrava de teus sonhos de adultos.
Tu tens garra para bastardos cultos,
Tu és podre, tu és suja.
Tu queres homens de longa margem,
Tu não vês homens,
Vês miragem.
Meretriz de sonhos,
Te falta amor e coragem.



LACAZ RUIZ

PASSEIO NO JARDIM SONHO

Passeando nas existências da vida,
A Lua me carregou para o além,
Estrelas me receberam bem,
Sentimento de não achar ninguém.

A Lua me acompanhou nas poeiras do universo.
A Lua me deixou só,
Tudo estava tranquilo, tudo estava disperso,
Material já havia configurado em pó.

Prossegui no jardim sonho.
Um pássaro anil pousou em meu ombro,
Por que estás aqui? — Perguntei eu —
Aqui vida é ter espaços livres
Sem tempo e angústia —
O belo pássaro me respondeu.

No cume de um morro gelado,
Atropelei minha viagem,
O nome do morro era árduo,
O nome do morro era verdade.

POETAS

Poetas do amor,
Poetas da dor,
Poeta dos sonhos,
Poeta realidade.

Queria eu ser poeta,
Pueril camponês,
Num laço de amor cortês.
Te amar com verdade de cortejo,
Fazer-te feliz,
Tirando-te lágrimas com um beijo.

Ó camponesa,
Com tanta perdição tu lavas trajes
De teu autoritário feudo!
Poderia eu te libertar,
Se estou preso à realidade do mundo
De hipócritas animais?

Poetizar do amor é ato difícil...
Sempre será árduo e triste.
São lágrimas que correm no rio,
Angústia de um amor que jamais existiu.

CLÁSSICO

Com um velho cântaro de barro,
Tu carregas, dia a dia, água para teu rei.
Quem é o felizardo?
Tu não o conheces, eu não sei,
E tu carregas o jarro
Sonhando sonhos que não sonhei.

Cabelos morenos e pingando gotas em teu seio,
Tu sobes o morro rumo ao castelo,
Castelo do feliz Rei,
Pobre morena, caminhas sem lei.

Atrás de uma porosa pedra do lago,
Te reconheço, Ilumino, mas te apago,
Tu prossegues ao castelo,
Sonatas de violoncelo,
Torres sóbrias buscando as nuvens.

Tu não és alegre,
Tu não ficas triste,
Tu não sentes dor,
Dor não te existe.

Tu és a escrava de teu severo Rei,
Mas um dia sairás deste lago.
Serás Rainha de lindos campos...
Será, um dia, que um dos apagados pirilampos
Chegará ao imenso castelo,
O castelo de teu rei,
E com um sabre tira-lo-á do trono.
Neste dia, Rei me tornarei.

PRINCESA

Poucas vezes neste mundo,
Parei para pensar,
Pensar no absurdo,
Vontade de te amar.

Charme, beleza, mistério
Não são palavras para esta dama tratar.
Preciso de mais palavras
Para poder me expressar.

Este mundo não permite
Que dele eu pegue as palavras.
Mas do que vale este mundo,
Se bem ao certo
Não existem de posse dele
Palavras para te dar?

Queria não estar no mundo.
Talvez de um mago ou de uma fada
Poderia aprender eu
Palavras, gestos, virtudes
Para poder em ti me igualar.

Tu és a princesa,
Sou eu o lenhador.
Não há o que escrever,
Tenho de pensar,
Tu és filosofia profunda,
Nenhum sábio grego decifraria a sua divindade,
Querida flor de imensidões cósmicas.

PROSAS DE DOR

Poderia poetizar,
mas pensar é difícil
e as ideias fogem,
ilusão inconcebida.

Tenho dó deste mundo,
Onde todos pensam chegar?
Talvez cheguem logo ao fim da linha,
aí vem ódio,
aí vem arrependimento,
tarde demais,
já não é hora para lamentos.

ESPLENDOR

O coração é forte,
A paixão vem,
O coração
A paixão vai.

O coração se levanta,
Levantar é difícil,
Mas tudo já passou...
No chão não posso ficar só eu,
Tenho de me levantar.

Para quê?
Não sei,
Mas tenho.
A busca deve continuar.

Mais vezes, outras paixões virão,
Outras paixões irão,
Outras vezes, meu coração
Vai ter de se levantar.

Espero, um dia,
Que meu coração caia
Para nunca mais se levantar,
Para nunca mais perder a cor,
Para chegar enfim ao esplendor.

SOMATÓRIA DO COTIDIANO

Cotidiano é o tempo de restritos sentimentos.
Tentamos captar realidades que nos deixem atentos,
Ilusão eterna,
O cotidiano será sempre o cotidiano,
Caminhada de desengano.

Barulho,
É tudo que escuto.
Em resposta a este inferno,
Me ponho de luto.

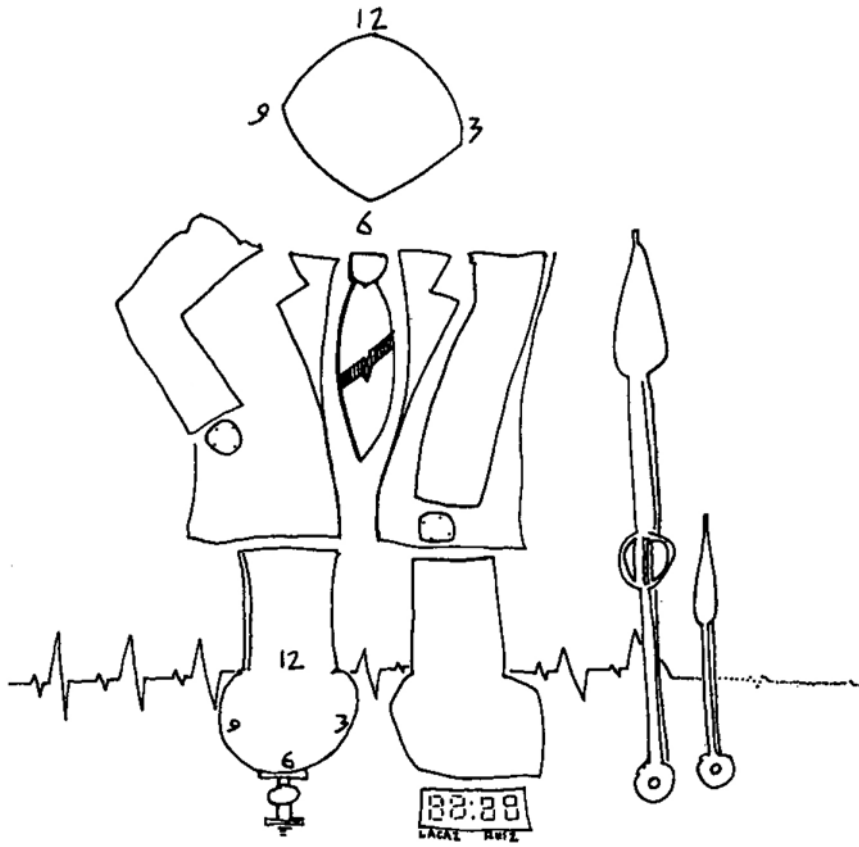
Estamos nos iludindo,
Buscando luz,
Presos em uma caverna ,
Somos ébrios que tentam parar de beber,
Enfiados numa tosca taberna.

Música,
Fuga do barulho,
Luta contra algemas do orgulho,
Perdemos, sempre perdemos,
Repudiar não conseguimos.
Pobre luta selvagem,
Repetido de amarguras,
Num mundo de ódio e sem coragem,
Somos os servos equinos,
Que puxam a pesada carruagem.

QUESTÕES

Meus amigos são grandes camaradas.
Uns vivem de dor,
Outros vivem do nada.

Mas eles são meus amigos,
Pensando neles ainda vivo,
Com eles ainda tenho motivos,
Para cantar que amizades não são crivos.



SINFONIA SOLITÁRIA

Estava eu num jardim do deserto.
Tudo era perfeito.
Tudo estava certo.
Folhas e flores eram amigas,
Cisnes e esquilos brincavam com margarida.

Nesta infância da natureza,
Não pensava no lado da avareza.
Queria tranquilidade e solidão,
Pois outros eu procurei,
Ninguém me deu a mão.

Sentado na verde grama hoje,
Vejo o dia passar,
Ensolarado a aberto,
Dias que desejo estio perto.
Dia num jardim do deserto.

SONHOS DE UMA GOTA D'ÁGUA

A pequena gota d'água pulou daquela nascente.
A gota d'água corria entre pedras e cascatas.
A gota d'água queria seguir outro caminho,
Mas outras gotas a impediram,
Outras gotas que corriam sem destino,
Não sabendo aonde iriam desembocar.

Mas aquela gota queria ser diferente.
Aquele gota queria sair do rio,
Entrar em outras matas,
Cair em novas cascatas,
Não queria permanecer na fatigante serenata.

Aquele gota não tinha força para sair do seu pobre rumo,
Corria, corria, corria.
Queria mudar, não podia.
Perguntava ao rio,
O Rio-Vida nada lhe respondia.

Até que a água virou sangue,
O sangue virou mangue,
Mangue de sangue,
Sangue de água,
Água de Mágoa.

SOL POENTE

Dor vem no sol poente.
Posso não ficar.
Subitamente, me torno descontente,
Tento e não consigo lacrimejar.

Sol poente, onde estás tu?
Não consigo te encontrar.
Quero que tu chegues logo,
Pois a noite traz o escuro,
Noite que sempre procuro
Para Poder desta vida lamentar.

A tarde vai caindo
E Luas, talvez, subirão.
Queria eu ser como a Lua
Branca, Pura, totalmente nua,
Que na celeste escuridão filosofa,
Pensando no porquê de sua amargura

GRANDE HOMEM

Para um grande homem,
Ser humilde é ter a vida.
Lealdade não é virtude perdida,
Grande homem, ilusões retidas,
Parâmetro inconfundível do mundo.

Para um grande homem,
Desencontros são momentos,
De parar, pensar, perdoar.
Grande homem piedoso,
Jamais para de cantar.

Para um grande homem,
Amizades são torres sólidas.
Angústia é estar perdido,
Ato que sempre é esquecido.

Grande homem edita Mundo.
Dias são vidas,
Vida é o dia.
Grande homem de força de vontade,
Por que o mal não lhe traz a sangria?

Continue lutando grande homem,
É heroico, num mundo tão sujo e desacolhedor,
Existir ainda homens de solidez interior.

MEIA HORA

Já me cansei.
Intervalo carnal
Nada consigo captar.
Por que todos são falsos?
Por que todos se enganam?
Falsidade não é coisa boa,
Falsidade não traz alegria
Minha velha avó em sua cadeira de balanço já dizia

Mas minha querida avó já partiu...
Estou absolutamente só,
Esperando que um dia cheguem
Palavras que não virem pó.

PRÉDIO DE SONHOS

Ao lado de meu ninho,
Existe um prédio de sonhos,
Pobre prédio de sonhos,
Fruto de projetos mal feitos.
Quão covarde és tu,
Prédio de sonhos!
Mas uma consolação tu tens,
Tu não estás só,
Existem outros, muitos outros,
Todos somos pobres prédios de sonhos.

QUICKNESS

Temos de ser rápidos,
Caso contrário
A navalha nos corta,
Desacolhedor destino,
Somos pobres coelhos,
Presos numa envenenada horta.

MENTIRA

Na tarde sombria de hoje,
Para uma donzela principesca escrevi
Uma poesia amorosa de estações,
Mas no fundo de minha alma
Já pensava na poesia que iria escrever,
Na noite deste dia,
Poesia sobre esta tarde sombria,
Poesia de fruto da ira,
Poesia verdadeira de nome Mentira.

SOLOS

Rapidez e paixões,
Orgulho e tentação,
Culpa em dispersões,
Antagonia da vida,
Epopéia de lutas fatigantes,
Vida desesperante,
Quando poderei de ti me separar?

BATERIA

Solos e batidas rápidas,
Tudo acabou.
Five per cent for nothing,
Cinco por cento para nada,
Assim é tudo,
Five per cent for nothing.

FALSO

Escrevo aqui pois outro lugar não achei.
Escrevo aqui pois aqui me refugiei.
Escrevo aqui, pois outro lugar não existe.
Escrevo aqui pois aqui, rijo, há poesia.
Escrevo aqui, pois aqui é triste,
Escrevo aqui, pois aqui é dor.
Escrevo aqui pois aqui me colocaram.
Escrevo aqui pois aqui o amor matei.
Escrevo aqui pois aqui morrerei.

ESPERA

Espero algo,
Estação da vida,
Perpétuo estabelecimento.
Um dia ele chegará.
Tudo mudará.
Sinos tocarão,
Avisando em rajadas de corte,
Que, à espera de mim,
Já existe um trem,
Um trem de nome morte.

CONSOLO

Sem perfeição,
Todos atos com vestígio de semiacabados.
Em todas as ações,
Nunca existiu a complementação celeste.
Tudo preso ao fatigante material,
Porém o consolo chega.
O consolo é a poesia,
Que está longe de ser perfeita,
Mas com ela deixo marcado lugares onde estive,
Amarguras de uma alma que por ela ainda vive.

GET UP AND GET DOWN

Subir e cair.

Caminhada desta vida.

Bastarda vida querida!

Prefiro apenas cair.

RISCOS

Riscos, rabiscos, garranchos, rasuras.

Riscar é deixar e conceber a ideia errada.

Um dia escreverei num papel lindo e de ternuras,

Uma poesia de nome “Vida”,

Com muitos riscos e rasuras.

CAVALEIROS

Num longínquo morro distante,
Cavaleiros cavalgam,
Desaparecendo no horizonte fatigante.

Pobres cavaleiros,
Rumais para onde?
Qual será o vosso fim?
Vossos cavalos já padecem na tarde triste.
Vós não vos importais,
Continuais a trotar,
Trote galopante de incertezas sólidas.

Galopai, cavaleiros
Parar não quereis
Avisos não vos são diamantes...

Galopai, cavaleiros
Talvez um dia chegareis
Nos abismos finais desta cadeia,
Cadeia de penhascos aterrorizantes...

Encurralados estareis,
Cavaleiros intrigantes,
Percebereis que o fim será um abismo,
Abismo negro com uma pequena Lua e pirilampos

Frustrados estareis vós,
Não mais ouvireis,
Ato final desta vida resulta.
Galopai cavaleiros, galopai!

SOLIDÃO

Em tempos ociosos,
Todos voam.
Em tempos de descanso,
Todos correm.
Correndo para fora,
Todos abandonam...
Abandonam os outros.

Em tempos de Sol,
Não existe sacrifício.
Cada um por si,
Até logo, bom descanso.

Vejo todo este ritual
De falsidade em tempos de Sol.
Acompanho de longe esta fuga
Fuga para outro lugar.

Todos viajam,
Eu fico
Até logo, até mais,
Vão embora Pobres estafermos
Vão, viajem, pequem e voltem.

Eu não,
Fico aqui na Minha solidão.
Quando o orvalho existe solidão não destrói

Fico porque quero.
Fico porque em outros lugares materiais
Nada encontrei.
Fico pois,
Na solidão me solidifico.

PALAVRAS

Amor,
Louvor,
Pavor,
Dor,
Terror,
Clamor.
Em tudo existe o OR.
De amor não existe nada,
Pois o amor já se foi.
Também se foi o Louvor.
Ficaram as outras palavras.

MIDTERM

Escrever?

No meio deste dia triste e enevoadado?

É sim, escrever.

Em vidas de dor,

Hora não existe.

Tempo é descartável,

Inexistente.

Para outros, tempo existe

Para mim, não.

Tudo permanece na suprema melancolia e solidão

RAPIDEZ

Tenho de ser rápido
A vida nefasta me exige.
Do mundo não quero nada,
Quero ser calmo,
Mas a rapidez me exige.
O mundo inculto não se importa com isto.
Persiste.

VOLTA

A volta é sempre mais sufocante,
Reviver de amarguras dispersantes,
Subir ou descer,
Me ponho a pensar.
Profunda dor de dúvida,
As pedras são imóveis,
Respostas são frias,
Desespero.



ABISMO E PENHASCO

Ceguei ao fim do monte.
Febre, calor, frio e neve,
Perspectivas insípidas, sem horizonte,
Ambição ainda em mim se atreve.

Pular pode ser descuido.
Minha pobre alma recua.
Ambição penetra como um fluido,
Não é minha vida, é a tua.

Indecisão desesperante do Sol poente.
Crepúsculo de uma vida que não é fria nem quente.
Tristeza de uma alma que não vive nem sente.
Dor de um ser que não é Adão nem serpente.
A alma se venceu
E se venceu
E se atirou do penhasco efervescente.
Tudo tão rápido,
Tudo tão de repente.

PARTE II:PROSAS

FIM DE ANO

Fim de ano é triste. Fim de ano sempre traz nostalgia.

Nostalgia de poder perder amigos. Amigos que poderiam sumir na passagem de mais um ano de amarguras.

Que posso eu fazer? Só desencontros encontro. Ninguém sente o que um fim de ano pode acarretar. Amigos poderiam sumir.

Amigos poderiam chegar.

Dúvidas, planos, projetos, ambições, tudo é clima de fim de ano. Pobre de ti, raça humana, pensando que o ano que entrará será novo! Não será. Nunca será. Todos os anos são iguais. Todos os anos são tristeza aguda. A somatória destes ilusórios anos compõe a nossa hipócrita vida de escravos da gleba da dor.

NOVAMENTE

Início do mês. Novas emoções, novos amores, novas ilusões. Aparentemente tudo novo. Na realidade, tudo é velho e apodrece.

Tudo é tudo. Cada ato, por mais heroico que seja, está limitado a ser um simples ato. Isto me enoja e me enfurece.

Não há, porém, outra via. Tenho de me contentar com repetições de fúteis atos.

A chuva está a cair e molha o chão lá fora; como a chuva consola! Todo o ritual de uma gota, caindo do infinito celeste, chegando a uma folha e por ela correndo e ficando suspensa no verde até cair na terra. Toda essa beleza multiplicada por milhões.

As gotas da chuva são as lágrimas do, céu, que chora lá de cima por ver um Mundo tão nefasto e cruel.

TEMPO EM TREVAS

Primeiro pensamento que me vem ao escrever é a lembrança da data. Minha escrita se estranha. Não lembro a data de hoje. Não sei em que tempo estou.

A humanidade corre tanto. Tanto, para quê? Tanto, para onde? São milhões de seres, que vão atravessando as barreiras do dia a dia. Não sabem, porém, aonde e qual a linha final.

Todos voam e o tempo vai caminhando ao infinito material. Um dia, ele acaba. Finda-se o tempo, finda-se o caminho; finda-se a vida.

O que será depois desta tão desesperante vida? Um abismo? Um jardim? Um delírio? Dúvida, interrogação, desespero, morte.

Abismos, jardins, delírios, não sei se encontrarei. Nem ao menos sei se estou ainda nesta vida, pois o dia repentinamente se tornou noite e, de súbito, não consigo enxergar mais nada.

O escuro traz o medo, mas o escuro também traz a indiferença. Ah! Como é bela a indiferença! Num mundo onde o tempo tem asas e todos não se entrelaçam, o melhor é fechar os olhos, é ser indiferente, é se despedir e, num plano novo imaginário, tentar restar um pouco contente.



PARADAS

O além me traz inspirações, que tenho rapidamente de escrever. O dia a dia, porém, aqui embaixo, na lama pavorosa, impede-me de as pôr no cetim.

Ó tempo, por que tu és tão cruel? Não tens pena de um pobre poeta, que escreve para de dor não morrer?

Tu és severo, tu és macabro, tu és bastardo. Mas tu és o tempo. És tudo que manda e impera no material. És tu que cooptas minha vida.

RISOS

Ao fundo ouço risos. Ao fundo ouço gargalhadas. Rir de quê? Da vida? Ah! Não! Desta vida não existe do que rir. Nesta vida, rir é falso, rir é fugir do mundo para se solidificar na lama.

Deste mundo não há do que rir. Rir da inveja? Rir do orgulho? Rir da gula material? Rir do ódio? Prefiro calar-me.

Acho que me calando, faço bem à vida. Calar-se é saber. Calar-se é poesia. Calar-se é querer. Calar-se é a vida.

SACRO

Música bela, música linda, música perfeita. Música que me tira do mundo, música que constrói.

Ah, como é bela a música sacra! Como estes belos anjos da terra conseguiram unir, com tanta harmonia e leveza, as notas musicais? Difícil de entender; apenas escuto, escuto e contemplo.

Com a música sacra saio deste mundo. Estou num mundo de estrelas e cometas. Raios solares correm pelo céu e entrelaçam luas de cores diversas. No chão, árvores de galhos verdes e marrons frutificam, de minuto a minuto, e acolhem belos pássaros, azuis e alaranjados, que, com seus cantos, alegam as flores, que se desabrocham em mar de gotas de orvalho.

Ah, que bela é a música, que mundo mais lindo!

Mas a música vai acabando e, nessa imensidão cósmica, vou me entristecendo. E o mundo vai indo embora, vai se despedindo, vai desaparecendo no universo e tudo vai começar a ficar escuro ... Eu sei, tudo já é breu. A música acabou, estou de volta à realidade.

Agora estou no lamaçal sujo do dia a dia. Outro dia, porém, ela volta, esta tão bela música, este tio lindo passaporte para o êxtase, esta tão exuberante canção incansável, esta música sacra.

PRESSA

Tanta pressa, tenho coisas a fazer. Não são coisas que me importam, tão menos interessantes. Faço-as por hábito, faço-as por desgosto, faço-as por força, pois a vida minha não tem sentido. A luz já se apagou, tudo em minha vida já virou ódio e tédio, não me importo.

Não tenho nada a fazer. Preciso ter algum sentido. Tenho pressa, pressa de fazer atos desprezíveis, pressa do nada.

ALL'S A CHORD

Tudo é um acorde. Nem tudo, nem nada. Nada é um acorde. Tudo está quebrado. Nada se entrelaça.

Por que estou aqui? Não sei, mas do que importa um lugar, se em todos não há diferença. Em todos, a mesma sina maléfica se repete. Em todo o lugar, não há nada.

Acho que este mundo não passa de um tempo, em que todos não conseguem nada e, por frustração, se enganam em falsos amores, em tiranos dolos materiais, em luxúrias espirituais.

Outro mundo deve existir. Tomara! Pois se eu só viver esta vida, não sei o que farei, pois nesta vida nada achei.

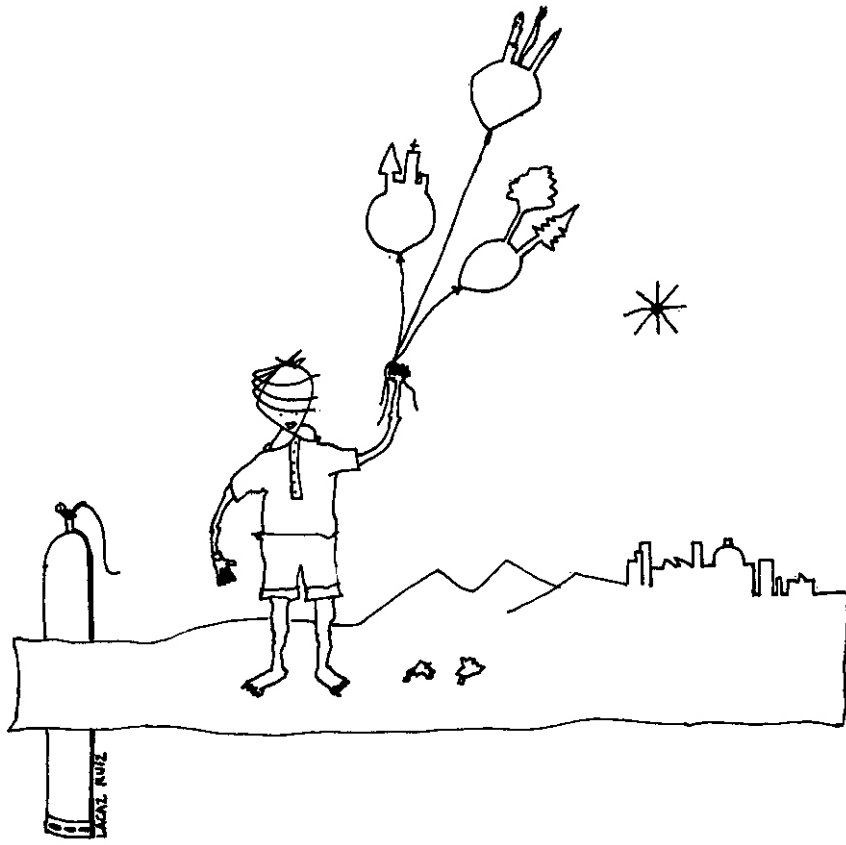
AWAKENS

A música tira-me da realidade, transporte para outro centro, um centro tão abstrato, tão desconhecido, tão misterioso, tão surpreendente.

Não posso, porém, ficar sempre neste centro, pois em tantas belezas mostradas, uma delas é a dor. A dor traz de volta a utopia. Caio, bruscamente, no mundo real. A queda é muito rude. Alio alcançarei o centro da música.

Queria uma música eterna para me despedir deste mundo. Bastardo mundo que me cerca.

O amor já acabou. Amizades desapareceram. Só ficou o material, só ficou o concreto, o “de sempre”. Quero morrer, sair desta vida, pois se alguém, nesta vida, achou algo significativo, eu não achei.



SAUDADE E ÓDIO

Não há nada correto no mundo exposto. Todos pensam diferente. Todos possuem sensações em antítese.

As alegrias não são simétricas. Uma pessoa sente um prazer diferente de que outra sentiria na mesma situação.

Por não haver igualdade no mundo, me ponho a pensar. O pensamento traz-me a saudade. Saudade de ontem, saudade do passado, saudade do futuro, que poderá vir, se minha alma aguentar. Saudade do pouco que fiz e isto me consola, isto me seduz, isto me amola.

A saudade é alegre, a saudade traz momentos que não podem acontecer no presente. A saudade traz a fuga.

Eu me enlaço na fuga e saio deste mundo. Covardia, eu sei, mas que covardia bela é fugir para o mundo do prazer, mundo da lembrança; que bom é sentir o reinatingível. Só a lembrança me anima, pois o presente é a morte. O passado é a vida, o presente me enlouquece. O passado me cativa, o presente não diz nada. O passado reanima.

Acordo do sonho, estou de novo na infelicidade do presente. O dia a dia vai me destruindo. Tenho ódio, quero morrer, pois acho que a morte me levará ao passado. No passado virá a saudade. Na saudade virá a vida.

FRIEZA

Amigos e orgulhos, tristezas e decepções, glossário da vida, amor e canções.

Em tudo há frieza, em tudo há pavor. Por quê? Não sei, porque odiei.

A vida é fria, o Sol é frio, não por natureza; mas em volta dele há frieza.

Não existem amigos, existem interesses. Existe o apego ao material. Isto me entristece, isto dói, mas isto é a vida. Por que não mudar? Ora, para quê? O mundo é tão frio que a pequena chama se apaga, a pequena chama é abafada, a pequena chama vai para o nada.

Fico aqui só pensando ...E a vida, a cada dia, vai se apagando. Meu coração já está sentindo frio. Calor eu procuro, calor eu não acho. Será que ainda há chama neste mundo frio?

Outros que procurem; eu já cansei. E aqui permaneço com frio e com frio morrerei, pois na frieza da noite, fogo penso que achei, ilusão, mentira, medo, pavor. Aqui permaneço, com a vontade de encontrar alguém, para contar-lhe que, sem alegria, a melhor maneira de se despedir da vida é deixar-se esquecer.

MAL ACABADO

Começo a fazer atos, logo paro. Ponho-me a ler. As letras são cansativas. Tento estudar. O estudo me fatiga.

O amor vem, logo vem a quebra, logo vem a dor.

Nada tem tempero, tudo é tão simples e salgado, os atos, o estudo, a vida.

Só o amor é doce, mas este não encontro, este está escondido no negro bosque da vida. Achá-lo é muito difícil.

Achá-lo é muito difícil. Saio na noite com meu lampião, à procura do amor, arisco amor. Logo o gás vai queimando, acabando, acabando, acabando. . . e o último assopro de chama sai e o fogo se apaga. Fico perdido na noite, não sei onde estou.

Amor, não achei. Deve estar muito escondido. Deve ser um mito perdido.

Acho que o amor é fictício, está muito longe de todos, o amor não existe. Se existisse, não estaria eu aqui. Se existisse não haveria dor. Se existisse não estaria eu morrendo. Se existisse não estaria no beco. Se existisse teria eu um grande preço ardente, que não mereço.

CALOR

Estou com calor. Estou engomado no suor. O suor escorre de meus cabelos e vai passeando por todas as partes de meu corpo. Em breve estou molhado.

O calor chegou e em todo o meu corpo ficou. Mas na casa da alma o calor não bateu. Na alma, o estágio permanente é o inverno. Fora, há Sol. Dentro, chove. Fora, as árvores estão verdes e frutificadas. Dentro, tudo é seco e sem vida.

Os pássaros estão escondidos e não saem para cantar. No inverno d'alma, tudo está com medo, medo de sair para fora. O frio interior não deixa.

Nesta tão linda estação de verão,, nesta tão bela estação de calor, morro eu de dor, morro eu ... de frio interior.

ORGULHO

Que ato mais covarde e sujo é ser orgulhoso. Como é cruel e infetante o orgulho!

Nas reuniões, todos maldizem do orgulho: “Ah, como odeio pessoas orgulhosas!”, afirmam uns.

Maldizem do orgulho, como se ele estivesse muito longe, fora do alcance humano.

Pobre humanidade! Algo captam que o orgulho está bem perto de nós, está trancado na casa de nossos corações. Ele invisivelmente vai destruindo todos os valores de uma raça tão meiga.

Como é estafermo o orgulho! De que posso, porém, maldizê-lo? Está trancado em meu coração também. Queria tirá-lo, mas é difícil. As pessoas não entendem que a vario de todos frutifica no amor.

Não, preferem o orgulho.

Quem te excretou, nojento orgulho? Um deus maligno? Uma bruxa? Uma perversa feiticeira? Não, fui eu, fomos nós. Nós edificamos o orgulho, o palácio do orgulho, palácio que não será desmoronado facilmente.

Tu fedes, orgulho. A humanidade cai por tua causa.

Tu não te importas. Tu és insaciável. Tu matas. Tu és perverso. Tu és a somatória da podridão humana. Tu és o orgulho.

PSEUDOALEGRIA

Amizades, conversas, piadas, murmúrios, gargalhadas, momentos, apenas momentos que passam como ventos suaves em fins de tardes de verão...

Por que tudo é tão finito?

Acendo um cigarro, meus lábios chamando toda a fumaça, que para dentro me reanima e consola. Logo o cigarro acaba e com ele, toda a alegria, que acumulei em poucos momentos.

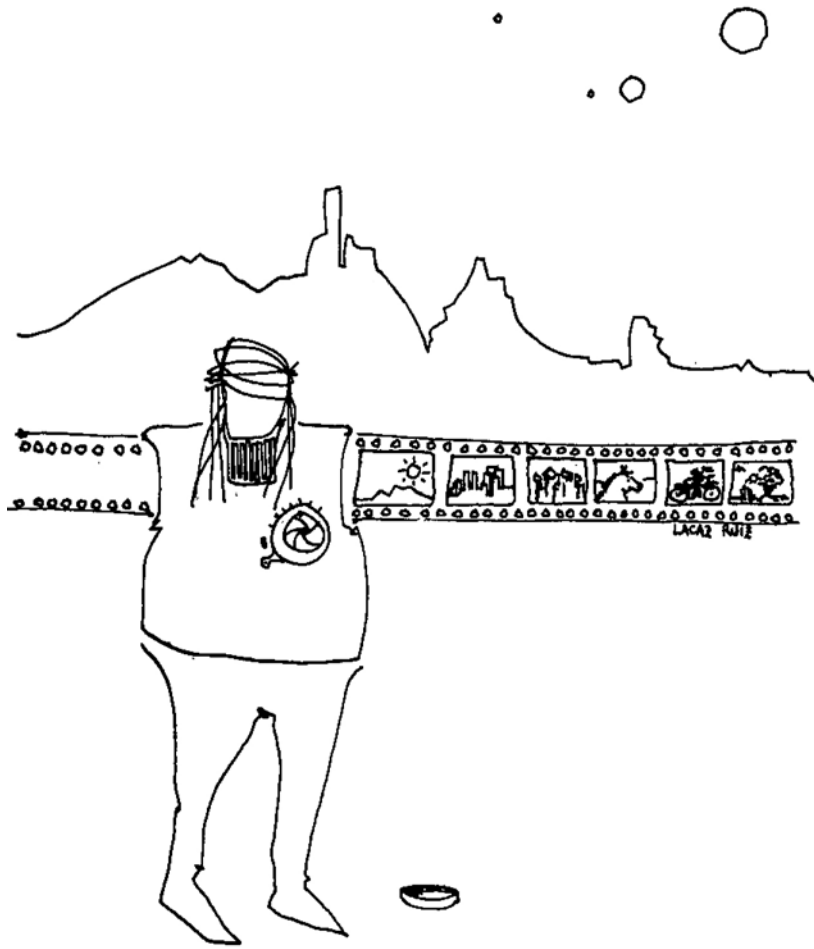
Isto não é alegria, isto isto é vida. Mas o que é vida?

A resposta já achei, mas não consigo entender. Estou no fundo de um poço de clamor e a vida plena está no seu ápice oposto. Sair do poço é ato difícil, habilidade impossível.

Por não sair do poço, contento-me com a pseudo-alegria, a pior das alegrias, a alegria covarde e sinistra, a alegria que acaba, a alegria do desespero.

Um dia, acho que tudo acabará, o poço, a vida e eu. Acabando tudo, a pseudoalegria também acabará. Findar-se-á a vida.

A vida deve ter uma alegria. A verdadeira alegria já perdi, porém a pseudo-alegria continuará comigo, no meu interior, até o dia em que eu morrer. E a falsa alegria sairá de mim e irá destruir outro ser.



FRUTO DO ÓCIO

Não tenho nada a fazer. Estudar, arrumar, viver, pouco me importa, já que tudo na hora se faz. Pelo fruto do ócio, me ponho a escrever.

Novamente não há vida, não há luta, não há águias, não há árvores, não há nada. Só o amor, só a dor.

A sina repete-se novamente. Por que eu? Por que ela? Por que tudo tão de repente?

Devo parar para pensar. Pensar no que? Não sei... sei, mas não quero. O amor traz a dor, são amigos inseparáveis que nunca entram separados no coração.

Estou só, todos desapareceram e ficaram eles, o amor e a dor, que pouco a pouco vão fatiando meu coração e deixando no chão os pedaços de minha vida, que por pequenos momentos me fizeram feliz.

A felicidade não é isto. Um beijo, um carinho, isto passa, isto deturpa, isto destrói, isto mata.

Tudo passa, eles não, eles cortam. Pudessem eu acabar com um deles. Preferiria morrer de dor a levar este eterno antagonismo, que me prendeu.

Amo-a, mas a dor é forte, a dor vence o amor, mas lhe dá uma chance: deixa-o ficar. Pudessem a dor acabar com o amor, mas não! Eles são amigos e, dia após dia, esta amizade vai me enfraquecendo e me levando à morte.

Acho que a morte é o caminho certo, morrem eles, morro eu. Fico livre do sabre encravado na minha alma. Este sabre que num beijo nasceu, que na alma cresceu e na música aumenta.

Não gosto de sofrer. Tenho amigos, mas a amizade deles não é capaz de penetrar, de enlaçar harmonicamente os ideais de renascer.

Sem amigos, sem alegrias, sem vida. Só a poesia, a poesia da morte, a poesia do amor e da dor.

LÁGRIMAS

Amor, como surgiu o amor? De certo não surgiu e já existia. O Amor é lindo e belo. O Amor constrói. A vida é dependente do Amor. O Amor tem o saber e a inteligência. O Amor arrasta-nos a todos.

Todos foram, eu fiquei. O Amor passou na cidade e todos ficaram encantados com o novo mundo maravilhoso aberto. Todos seguiram o Amor.

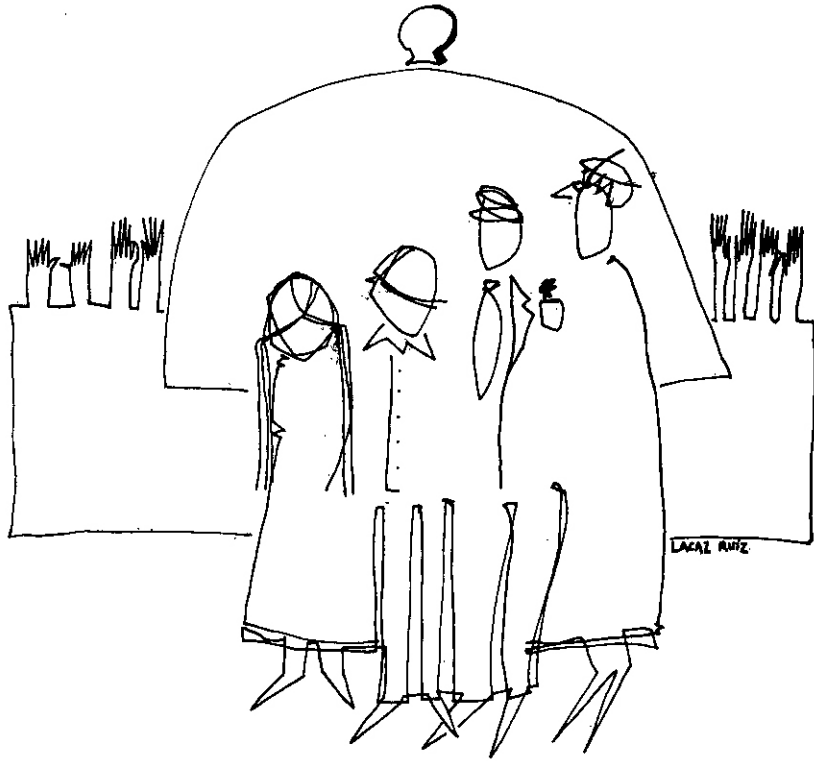
A cidade ficou vazia, os ventos sopraram forte e o céu coloriu-se num cinza pavoroso e macabro.

Fiquei na cidade, não me entusiasmei com o Amor. Sim, me entusiasmei, mas pensei em você e veio a dúvida, veio o medo, veio a dor. O Amor passou e você foi. Naquela multidão de pessoas você não percebeu que eu fiquei; mesmo sem a multidão você não perceberia, a inércia levou-a com o amor.

Eu a vi sumindo no horizonte, meu coração diminuía a cada passo seu, até que o Amor saiu da linha do horizonte. Você saiu, todos saíram, fiquei eu aqui na cidade.

Logo chegou a tristeza. Não havia ninguém, ela veio conversar comigo. Ficando nós dois, Ela não me deixava ir. Mas também, para aonde iria? Não sabia o caminho que o Amor tomara, você já estava muito longe.

Na cidade ficamos eu e a tristeza. E de nossa união tão perversa e agonizante surgiram as lágrimas.



SOON

Logo, palavra chamativa, palavra aterrorizante, palavra cansativa, palavra de esperança, palavra de decepção.

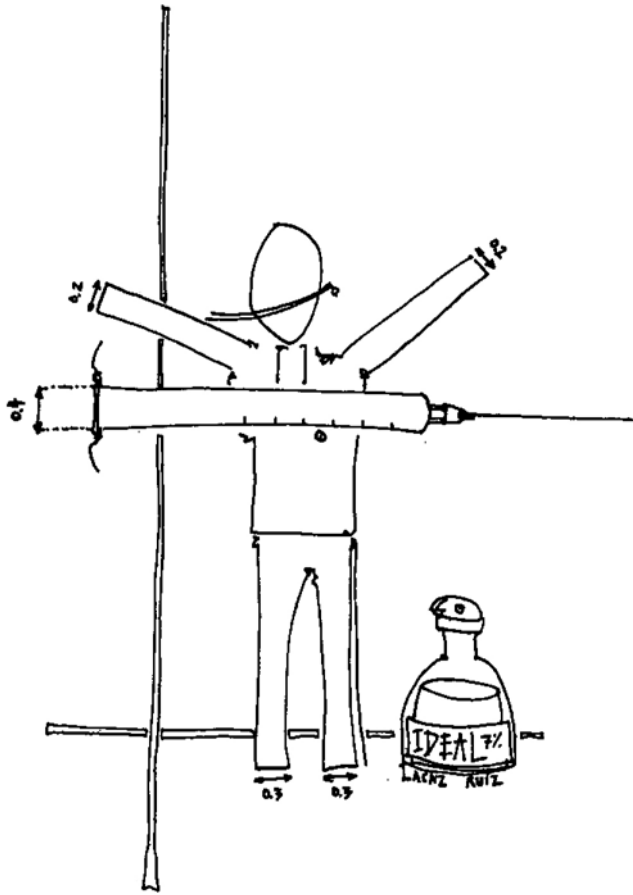
Do futuro, não sei o que farei. Talvez morra, talvez viva, talvez desapareça. Que farei? Soon.

Meu coração já se apagou, a minha razão eu busco, algo que eu possa contemplar, buscar algo que não acabe. Queria uma razão para estar aqui, mas a razão não existe.

Do nada, estou vivendo, dia a dia acordo e busco sensações absolutas. Trago na alma “tristes sensações”, sensações apagadas, trago tristeza.

Outros dias virão, outras buscas. Estou cansado, cansaço interior, cansaço de escuro, cansaço de dor.

Acho que entendi a palavra soon: soon é o tédio, soon é a morte.



SAIR DO POÇO

Nesta tão escura caminhada, percebo ao longe alguns sinais de luz. Talvez não seja luz, talvez não seja nada; mas esta vida me anima e me dá forças para caminhar.

Se ao chegar, achar, entro no êxtase. Caso não ache, prossigo a caminhada; caminhada que me fatiga, caminhada que martiriza, mas é a caminhada da vida.

Devo continuar na estrada. Sair é covardia, mesmo que não exista nada devo continuar a caminhada.

Nesta estrada haverá um fim; bom ou mal, alegre ou ruim?! Isto é uma dúvida.

Finda-se esta vida. E depois? Que vem depois? Prefiro o nada, pois este não tem estrada. Neste não existem frustrantes caminhadas.